REGISTRO BIBIOGRÁFICO

Agronomia e Humanismo

ANTÔNIO BRESOLIN
(Presidente da Comissão de Agricultura no Congresso Nacional).

Autodidata, devo o pouco que sou aos livros. Os mestres mudos, como foram chamados, continuam sendo o meu alimento espiritual, meus guias, meus conselheiros, meus amigos de tôdas as horas.

Inveterado leitor, tornei-me exigente. Não leio por diletantismo. Só leio para aprender. Antes de empreender uma viagem nos meandros de um livro, procuro saber quem é seu autor.

Aconteceu-me agora, no entanto, fato inédito na minha vida de leitor, de eterno apaixonado por todos aqueles que — através da prosa ou do verso — procuram levantar o véu do conhecimento, enriquecendo a alma, aprofundando a cultura. Sem procurar saber as origens, os antecedentes, a cultura e o talento **de Francisco Alves de Andrade e Castro,** passei a ler e anotar o maravilhoso livro «Agronomia e Humanismo».

Além de técnico, de sólidos e amplos conhecimentos, com invejável experiência, o autor tem rara sensibilidade para com os problemas sociais e, por isto, robustece sua obra de sentido humano profundo.

Professor consumado, o ilustre agrônomo conseguiu fazer com que nas entrelinhas do seu livro aflorem os pensamentos, a filosofia e os ensinamentos engastados nas encíclicas «Rerum Novarum» de Leão XII, «Mater et Magister», de João XXIII, «Populorum Progressio», de Paulo VI, e nos livros «O Ano 2.000», do Padre Lebret, «Homens e Multidões», de Lourival Fontes, «Sobrados e Mucambos», de Gilberto Freire, «Geopolítica da Fome», de Josué de Castro, «Per-Un Mundo Nuovo», do Padre Lombardi, «Bases e Sugestões Para Uma Política Social», de Pasqualini, e outros. Tal a filigrana de pensamentos deste mestre que ensina agronomia no seu sentido mais amplo.

Mas o autor não se limita a ensinar. Vai além. Conclama as univeridades para se unirem as comunidades como base para fazer a redenção do homem do interior a sua participação mais justa nas riquezas do País. E depois de outras oportunas considerações, cita Lima Rodrigues: «As escolas formam técnicos mas não cogitam — com raras excepções — de preparar líderes. Este é o problema central da educação para o desenvolvimento da agricultura». E abrindo o Capítulo VI do livro, robustece sua tese com este pensamento lapidar de Hilton José de Salles Fonseca: «Nas escolas não se devem formar apenas técnicos, mas homens de pensamento e ação, com capacidade de liderança. Por outro lado, a escolha é o ponto natural do encontro de líderes na busca de soluções para problemas na tarefa de ajustar a instituição a condições novas».

Grande conhecedor dos problemas do Nordeste, o autor descreve aquelas regiões subdesenvolvidas com pinceladas escuras, com o vigor e a riqueza de detalhes com que Josué de Castro escreveu a sua famosa crônica «O Ciclo do Caranguejo». O leitor atento vive o próprio drama do nordestino. Depois de comentar as desigualdades setoriais que se verificam na América Latina, acrescenta: «Nesta situação encontra-se o Nordeste brasileiro, com seus 25,4 milhões de habitantes, representando 30% da população nacional, numa extensão de 1.547,5 mil km subdividida em 1.525 municípios pelos nove estados da federação. Sua renda

interna não vai além de 18,2% da renda interna do Brasil. Sua renda per capita não atinge 50% em relação ao conjunto da América Latina, sendo superior apenas a da Bolívia, do Haití e do Paraguai. Considere-se que 60% de sua população vive no campo, onde estão as famílias mais numerosas, enquanto em todo o Brasil a percentagem é de 55%. Na composição do produto regional, as atividades primárias (agricultura) entram com 48%, a indústria com 17% e os serviços com 35%.

Sem a terminologia euclidiana, mas com a força e a firmeza do autor de «Os Sertões», comenta o chocante desiquilíbrio existente entre os frutos da produção e o custo das mercadorias, o que submete o homem do interior a permanente inferiorização. Fortalecendo suas afirmações acrescenta com muito acerto esta citação de Paiva — «O agricultor brasileiro tem que dar 25% mais do arroz do que o agricultor americano para adquirir uma unidade de nitrogênio e de 161% mais do que o agricultor japonês. Quanto ao milho o brasileiro também tem que dar 25% mais do que os americanos e também 17% mais do que os da India. Se fizermos comparação idêntica com o trator, constatamos que em 1966 um trator tipo médio 9,500 ou o equivalente a 150 meses de salário mínimo, enquanto nos Estados Unidos um trator similar custava cerca de 4.500 dólares um, o equivalente a 18 meses de salário de um trabalhador rural americano».

Toda a hora é pontilhada de sábios ensinamentos e de preciosas informações. Numa simples crônica de jornal não é possível destacar toda riqueza deste livro. Não posso furtar-me ao prazer, no entanto, de citar mais este tópico, que considero básico para a solução do problema agrário brasileiro — «Falta-nos uma política legítima e realmente agrária, bem clara e bem definida, calcada na realidade brasileira e nos princípios agronômicos, jamais no interesse de determinada classe ou atividade. Uma verdadeira política agrária, não teria por objetivo atrelar a agricultura à indústria, isto é, considerando no agricultor apenas um indivíduo econômico, servidor ou cliente das cidades e indústrias, mas um colaborador a quem as cidades e indústrias devem retorno de benefícios».

«Agronomia e Humanismo», de Francisco Alves de Andrade Castro, é livro que deveria ser adotado oficialmente não apenas nas escolas de agronomia mas em todos os estabelecimentos de ensino superior, pois é obra que deve ser lida e estudada por todos aqueles que se interessam pela solução dos problemas fundamentais do País.

(CORREIO BRAZILIENSE — 1.12.1971)